

## **COMÉRCIO JUSTO E AGRICULTURA FAMILIAR: A CERTIFICAÇÃO SOCIAL COMO POTENCIALIDADE DE ACESSO AOS MERCADOS.**

Eixo temático: Tecnologia e Produção

Responsável: Nathalia Lima Pinto

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

Autores: Nathalia Lima Pinto (9678); Paula Pflüger Zanardi (9604); Isabel C. Lourenço da Silva (7683)

### **Resumo**

O Comércio Justo ou *Fair Trade* é um processo de certificação internacional que regulamenta o fluxo diferenciado de comércio, fluxo este que prioriza aspectos como a justiça social e condições dignas de vida, além de desencadear o empoderamento e autonomia dos agricultores e artesãos de países subdesenvolvidos por meio da garantia de preços mais justos. Deste modo o Comércio Justo surge como uma alternativa de enfrentamento diante das atuais relações comerciais desiguais impostas pelo modelo econômico vigente. A oficina tem como público alvo produtores rurais, técnicos agrícolas, agrônomos ou demais extensionistas interdisciplinares que trabalhem diretamente como agentes de difusão no meio rural. O conteúdo abordado nesta oficina será contextualizado a partir da experiência de transição da Cooperativa Mista de Pequenos Produtores Rurais e Urbanos (Cooesperança) de Santa Maria/RS que há mais de 20 anos é considerada centro de referência nacional em economia solidária. Esta oficina tem como intuito fornecer subsídios para a sensibilização a cerca do mecanismo de certificação do comércio justo a fim de que pequenos produtores e comunidades de baixa renda possam adequar sua produção a estes princípios, e que estes grupos obtenham a certificação necessária para comercializar sob esta plataforma, visando assim uma melhoria na renda destes produtores e sua inclusão nos princípios do programa como o desenvolvimento local sustentável e o estímulo ao consumo consciente.

**Palavras chaves: Certificação social; Comércio Justo; Desenvolvimento Rural**



## Introdução

O Comércio Justo ou Fair Trade é uma modalidade de certificação internacional que pretende criar alternativas para atual forma de comercialização baseado no modelo econômico capitalista. Esse método tem como objetivo garantir a ‘não exploração’ dos produtores, consumidores e meio ambiente, como também, gerar uma melhoria nas relações comerciais entre produtores de países subdesenvolvidos do hemisfério sul e consumidores solidários do hemisfério norte. Este modelo alternativo de comercialização propõe-se a permitir melhorias nas condições básicas dos produtores, à medida que influência diretamente na formação do preço de venda, caracterizada por um preço mínimo que deve ser estipulado mediante as especificidades de cada grupo de produtores. O Comércio Justo visa proporcionar melhorias no entorno dos agricultores e algumas de suas medidas para isso são: pagamento de um adicional por produção, suporte durante a comercialização, garantia na prospecção de novos mercados, fortalecimento do selo do Comércio Justo perante os consumidores dentre outros aspectos que trataremos mais especificamente durante a oficina.

A lógica excludente do mercado e o assistencialismo deficiente forçaram uma ruptura no atual modelo comercial imposto pela globalização. Esta inversão de valores permite que os agricultores e artesãos menos favorecidos tenham a oportunidade de integrar-se a novos moldes comerciais, baseados na cooperação e igualdade. Esta ótica de comércio contribui para o reconhecimento das especificidades étnicas e sociais como agregadores de valor em seus produtos. O movimento do Comércio Justo ou *Fair Trade* surge também para estabelecer critérios de transparência e equidade na produção e comercialização de produtos de países subdesenvolvidos diretamente nos países desenvolvidos.

Destarte, o atual estado de insatisfação dos métodos utilizados na agricultura moderna e o surgimento de novas práticas de agricultura sustentável e canais alternativos de comercialização, instigou-nos a propor esta oficina, pois na medida em que compreendemos o funcionamento deste modelo comercial ele passa a ser uma alternativa para a agricultura familiar.

Destaca-se também a importância da universidade na produção de pesquisa e extensão; na medida em que sua comunidade, ou seja, docentes, discentes e técnicos devem ter o papel de agente difusor de conhecimento e informação, visando contribuir para o desenvolvimento e melhoria da comunidade onde se insere.

Esta oficina irá basear-se no caso da Cooesperança. Em meados da década de 80, surge em Santa Maria, Rio Grande do Sul, o Projeto Esperança, uma iniciativa pioneira no Brasil que visava criar um modelo autogestionado baseado na economia solidária, com o intuito de estreitar os canais de comercialização entre os agricultores do entorno e os consumidores. Em 1989 criou-se a Cooesperança, cooperativa vinculada ao Projeto Esperança, que nasce com o objetivo de congregar e articular os empreendimentos solidários através da comercialização direta de seus produtos. Atualmente a Cooesperança conta com 250 empreendimentos solidários abrangendo 34 municípios na região central do Rio Grande do Sul, beneficiando diretamente cerca de 5.000 famílias e atingindo indiretamente 22.000 pessoas. Esta oficina estará amparada na descrição de sua experiência no processo de adaptação para o modelo do Comércio Justo visando à certificação.



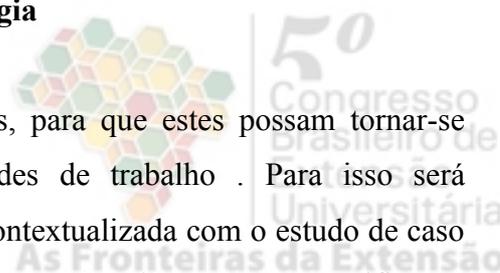
Figura 1: Selo de Comercialização de Comércio Justo

Fonte: <http://www.fairtrade.net/>

Diante disso, espera-se que o conteúdo abordado a partir da experiência bem sucedida da Cooesperança, motive os participantes a levarem a suas comunidades e universidades esta nova proposta de comércio, visando que esta plataforma sirva de pilar para mudanças reflexivas e pragmáticas para agricultura familiar no estado do Rio Grande do Sul.

### **Material e Metodologia**

A oficina tem por objetivo capacitar os participantes, para que estes possam tornar-se agentes multiplicadores em suas respectivas unidades de trabalho. Para isso será apresentado o substrato do Comércio Justo de forma contextualizada com o estudo de caso da Cooesperança a fim de relacionar de forma empírica como se dá o processo certificação



de maneira clara e objetiva. A oficina será ministrada por estudantes de diferentes áreas de formação, dos cursos de administração, agronomia e ciências sociais, ressaltando assim aspectos interdisciplinares inerentes a temática. A apresentação contará com materiais impressos explicativos e recursos áudio-visuais.

Assuntos abordados na oficina:

- Histórico do *Fair Trade*: Apresentaremos as primeiras iniciativas de comércio justo no mundo e os principais marcos históricos.
- Mercado Internacional e Comercio Justo: Mostraremos como se dá o fluxo do comércio justo, os principais atores, a regulamentação e atual movimentação econômica no cenário mundial.
- Comércio Justo no Brasil: O atual cenário da iniciativa nacional de comercio justo, suas articulações e o Sistema Nacional de Comércio Justo e Solidário (SNCJS).
- Cooperativa Cooesperança: Apresentação da cooperativa, sua experiência de economia solidária e transição para o Comercio Justo.
- Materiais de apoio: Será indicado aos participantes da oficina, através de material impresso, as principais referências, sites, e organizações para consultas sobre comércio justo.

### **Resultados esperados e Discussão**

O mercado global de consumo de produtos certificados com o selo do *Fair Trade* está em constante expansão, demonstrando assim uma oportunidade de inserção para os agricultores familiares. Espera-se que esta oficina possa instrumentalizar seus participantes a estarem a par da discussão e do modo de funcionamento do processo de certificação de Comércio Justo, para que estes possam disseminar em suas comunidades e universidades tal conhecimento, estimulando assim o número pesquisas acadêmicas e qualificando extensionistas para tratar desta questão com os agricultores, fazendo com que assim tenhamos um aumento de produtores, cooperativas e associações rurais que estejam certificados e trabalhando dentro deste novo nicho de mercado.

## Referências

FACES DO BRASIL. Disponível em: < <http://www.facesdobrasil.org.br/> > Acesso em: 26 junho 2011.

FAIR TRADE INTERNATIONAL. Disponível em: < <http://www.fairtrade.net/> > Acesso em 29 junho 2011.

FLO e V. “O que é Comércio Justo” Disponível em: <[www.facesdobrasil.org.br/.../263-o-que-e-comercio-justo-um-manual-de-treinamento-para-pequenos-produtores.html](http://www.facesdobrasil.org.br/.../263-o-que-e-comercio-justo-um-manual-de-treinamento-para-pequenos-produtores.html)> Acesso em 25 junho 2011.

SCHNEIDER, Johann Wolfgang. **Pesquisa mundial de comércio justo**. Brasília: SEBRAE, 2007.

# FERRAMENTAS PRÁTICAS PARA O GERENCIAMENTO DE PROJETOS DE EXTENSÃO

**Universidade Federal de Ouro Preto**  
**Área Temática: Tecnologia e Produção**

Responsável pelo Trabalho: André Golobovante

Nome dos Autores: André Golobovante [1], Júnio Limirio [2], Guilherme Souza [3]

## **Resumo**

O gerenciamento de projetos apresentou, nas últimas quatro décadas, relevante desenvolvimento técnico-metodológico e têm sido temática de pesquisas focadas no planejamento, execução e gerenciamento de eventos com início e fim definidos. A Extensão Universitária trabalha, em geral, moldada em estruturas pautadas pelo tempo de execução das atividades desenvolvidas, sendo enquadrada na definição inicial de um projeto. Esta oficina tem por objetivo apresentar ferramentas de gerenciamento de projetos adaptadas ao viver extensionista e às realidades encontradas ao longo da jornada dos projetos e programas de extensão. Serão apresentadas cinco técnicas de aplicação prática em projetos de extensão, com o fim de contemplar áreas relevantes do gerenciamento de projetos. A metodologia da oficina baseia-se em princípios da andragogia experimental, na qual a experiência dos envolvidos e as etapas práticas são valorizadas, tendo como foco a aplicação das ferramentas em situações-caso como meio de simular a realidade. Os principais resultados esperados para os participantes da oficina são o aprimoramento na gestão das ações extensionistas e o proporcionamento de maior clareza de planejamento e execução das atividades desenvolvidas.

## **Palavras-chave**

Gerenciamento de Projetos, Ferramentas de Gestão, Adaptação de metodologias para extensão

## **Introdução**

A estrutura das Universidades é baseada no ensino, pesquisa e extensão, teoricamente indissociáveis e fundamentais para uma graduação com o máximo de aprendizado. Porém se observa que a extensão ainda é pouco desbravada pelos alunos de graduação e com isso se perde muito em experiência prática, responsabilidade social e desenvolvimento de pensamento crítico em relação à sociedade.

Os projetos de extensão são oportunidades de ação integrada, onde aos extensionistas é proporcionada uma vivência dos três pilares universitários, porém é importante compreender que, assim como nos demais projetos acadêmicos, estas iniciativas devem ter sua eficiência e eficácia sempre aprimoradas, para que tragam resultados positivos a todos os atores sociais envolvidos.

Com base da definição da NBR 10006 (2000): *“Projeto é um processo único, consistindo de um grupo de atividades coordenadas e controladas com datas para início e término, empreendido para alcance de um objetivo conforme requisitos específicos, incluindo limitações de tempo, custo e recursos”*. Portanto, é de extrema relevância que todo projeto de extensão antes de ser criado, tenha como alicerce a definição do que é

realmente um projeto, para que ao longo de seu andamento, seja aplicado um trabalho estratégico e eficaz, minimizando falhas que comprometam o alcance de melhores resultados. Um dos principais diferenciais das iniciativas de extensão para projetos tradicionais é a necessidade de análise participativa prévia ao início das atividades. *“A extensão também é uma construção ou (re)construção de conhecimento, envolvendo, além dos universitários, atores e públicos com culturas, interesses, níveis de educação diferenciados. A construção extensionista não está limitada aos pares, abrange uma grande diversidade de públicos externos com os quais é preciso estabelecer uma interlocução para identificar problemas, informar, capacitar e propor soluções.”* (THIOLLENT, 2002)

A partir do estudo das definições e enquadramentos de projeto surgiram metodologias focadas no gerenciamento destes eventos, que de acordo com o guia prático de projetos (PMBOK<sup>®</sup>, 2004) *“é a gerência que trata da aplicação de conhecimentos, habilidades, ferramentas e técnicas nas atividades do projeto com o objetivo de atender os requisitos do projeto, de forma a buscar o equilíbrio entre as demandas concorrentes de escopo, prazo, custo, riscos, qualidade e outras áreas de conhecimento aplicáveis.”*

Esta oficina foi estruturada com base em conceitos participativos já utilizados na extensão universitária, como o Ciclo de Aprendizagem Experimental (CAE), conceito cujo principal foco são as experiências já vividas pelas pessoas para a apropriação de novos conceitos. Segundo Kolb (1984) *“as pessoas aprendem através de suas experiências”*.

Esta oficina tem por objetivo apresentar metodologias de gerenciamento de projetos adaptadas ao viver extensionista e às realidades encontradas ao longo da jornada dos projetos e programas de extensão. As ferramentas foram definidas com base nas áreas do gerenciamento de projetos e foram sintetizadas em cinco metodologias com foco em planejamento, qualidade e equipes.

### **Material e Metodologia**

A oficina tem todas as suas atividades realizadas *in loco*, sendo suficiente uma sala com capacidade para 40 participantes. Tanto as etapas expositivas quanto as atividades práticas serão realizadas em sala, ora individualmente, ora em grupo. A infra-estrutura necessária para a execução da oficina é bastante simplificada, sendo necessário apenas um equipamento de projeção áudio-visual, 200 folhas formato A4 e canetas para sua realização.

Partindo dos conceitos do CAE e tendo em vista que a oficina será ministrada a atores da extensão universitária, sejam eles docentes, discentes, líderes comunitários ou aspirantes a extensionistas, a metodologia proposta tem foco na valorização e incentivo das experiências já vividas pelos participantes, sempre precedidas do aprofundamento teórico necessário. A realização da oficina seguirá um ciclo de etapas focado em exposição do tema, reflexão sobre as experiências relacionadas, abstração do tema para nova conceitualização e, por fim, aplicação simulada. Estas quatro etapas são complementares e permitem maior absorção do conteúdo apresentado, tendo em vista que cada participante terá a oportunidade de se identificar de uma maneira diferente com as temáticas do curso.

A etapa expositiva é o primeiro momento de apresentação das abordagens, conceitos e ferramentas da oficina, e utiliza principalmente apresentações áudio-visuais. Esta etapa tem como foco apresentar o conteúdo, ainda sem ligação direta com as experiências dos participantes. No segundo momento, todos são convidados a compor uma reflexão participativa, seguida de debate, quando cada integrante terá a oportunidade de analisar criticamente o conteúdo apresentado e relacioná-lo com sua experiência em

projetos de extensão. A terceira etapa da oficina é formada por um momento de dinâmica onde os participantes estruturam o conceito e as ações a serem realizadas a partir do tema. Por fim, todos passam por um momento de imersão em uma etapa prática da oficina, baseada em um caso a ser simulado. As etapas, organizadas cronologicamente são exemplificadas na figura 01.

Etapa		Tempo		
		Primeira hora	Segunda hora	Terceira hora
Planejamento	Exposição	█	█	█
	Reflexão		█	█
	Conceitualização		█	█
	Aplicação		█	█
Qualidade	Exposição		█	█
	Reflexão		█	█
	Conceitualização		█	█
	Aplicação		█	█
Equipe	Exposição			█
	Reflexão e Conceitualização			█
	Aplicação			█

Figura 01 – Estrutura da oficina

### Sobre as Áreas

Foram escolhidas três áreas foco para a oficina, planejamento, qualidade e equipes. As demais áreas estão indiretamente relacionadas a estas e a priorização levou em conta o tempo da oficina e o potencial de aplicação das ferramentas traçadas.

O Planejamento é em grande parte responsável pelo sucesso de uma organização, é a reflexão sobre o impacto futuro de decisões presentes e permite a transformação de problemas em oportunidades. Segundo Maximiano (1990), “o processo de planejar é uma função administrativa que consiste em tomar decisões por antecipação”. Aproveitar as oportunidades que o futuro oferece, seja ele incerto ou não, preparando-se para enfrentá-lo, tornando-o mais favorável e assumindo os riscos certos.

“Qualidade é a capacidade de qualquer objeto ou ação de corresponder ao objetivo a que se propõe.”(CROSBY, 2000; LOENERT, 2003; MOREJÓN, 2005). Portanto a qualidade se faz fundamental no nível de transformação desejada, para se obter uma mudança perpetuativa e abrangente, o projeto de extensão que é a ferramenta transformadora, deve ser crítico em relação à qualidade.

As emoções são parte intrínseca do ser humano, com experiências próprias e conhecimentos específicos. Para se obter uma boa equipe é necessário trabalhar a individualidade de cada membro transformando-o em fator de agregação. Chiavenato (1999) contextualiza a formação de equipes mostrando que as pessoas não devem ser usadas de maneira vazia, mas de fato buscar o seu verdadeiro tratamento como parceiros na busca do resultado maior. O bom trabalho em equipe definirá o sucesso do projeto, pois este é construído por pessoas para pessoas.

### Sobre as Ferramentas

A oficina foi dividida em três ciclos de etapas, para que as ferramentas sejam apresentadas de maneira integrada, sendo o primeiro ciclo relacionado às ferramentas de planejamento, o segundo às ferramentas de qualidade e o último ao gerenciamento de equipes. Esta divisão em pequenos ciclos de etapas valoriza cada parte da oficina e permite

aos participantes maior apropriação as atividades e temáticas. As etapas de qualidade e planejamento contam com duas ferramentas cada, enquanto o momento destinado ao gerenciamento de equipes conta com uma metodologia específica.

### **Planejamento: Plano de Gerenciamento de Projetos (PGP)**

A técnica é o ponto de partida para o desenvolvimento do projeto, pois engloba todos os aspectos de seu planejamento e, em sua adaptação para o viver extensionista, valoriza as experiências e anseios da organização parceira. O PGP é o resultado da junção entre ferramentas de gerenciamento de projetos e diagnóstico participativo e proporciona uma análise da organização e do projeto, permitindo que as metas de execução sejam o resultado de uma vivência coletiva entre a equipe da organização e do projeto de extensão.

### **Planejamento: Plano Financeiro e de Aquisições**

A gestão dos recursos é um dos pontos críticos no desenvolvimento de um projeto de extensão. O gerenciamento de custos do projeto inclui os processos envolvidos em planejamento, estimativa, orçamentação e controle de custos, de modo que seja possível terminar o projeto dentro do orçamento aprovado. O gerenciamento de aquisições inclui os processos para comprar ou adquirir os produtos, os serviços ou os resultados necessários de fora da equipe do projeto para realizar o trabalho. (PMBOK®, 2004).

Esta ferramenta é resultado da adaptação dos processos de planejamento financeiro e das aquisições em uma única ferramenta, a qual permite a definição de todas as necessidades de recurso e suas descrições relacionadas aos prazos e processos para aquisição. Ao inserirmos esta ferramenta, no contexto extensionista, em Instituições Federais de Ensino Superior (IFES), sua aplicação torna-se bastante relevante, tendo em vista os longos prazos necessários para a compra e recebimento de produtos.

### **Qualidade: Folha de Qualidade**

A mensuração de resultados é ainda um desafio nas ações de extensão, pois diversos aspectos são majoritariamente qualitativos e, em primeira análise, tornam as mensuráveis muito subjetivas. A folha de qualidade tem como objetivo definir resultados esperados em cada uma das metas do projeto, bem como estruturar métricas e critérios para a medição dos resultados.

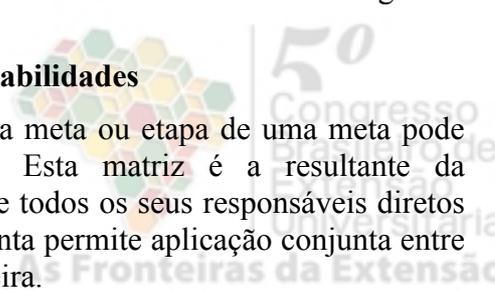
A aplicação dessa folha continuamente ao longo do projeto é de extrema importância, pois permite ao grupo compreender o desenvolvimento das atividades com foco também nos resultados obtidos e permite que sejam feitos replanejamentos a partir das análises realizadas.

### **Qualidade: Matriz de Riscos**

Projetos de extensão estão sujeitos a incertezas vindas do ambiente externo e também a riscos atrelados a sua execução. A análise de riscos busca principalmente esclarecer quais são as possibilidades de resultados e desafios a serem encontrados ao longo do desenvolvimento do projeto.

### **Equipes: Matriz de Responsabilidades**

Todo o gerenciamento dos responsáveis por cada meta ou etapa de uma meta pode ser feito através da matriz de responsabilidades. Esta matriz é a resultante da decomposição das atividades traçadas para cada meta e todos os seus responsáveis diretos e indiretos. Por ser uma matriz generalizada, a ferramenta permite aplicação conjunta entre a equipe do projeto e os membros da organização parceira.



## Resultados e Discussões

A oficina proporciona aos participantes uma aplicação rápida, porém completa, de ferramentas essenciais para o gerenciamento de projetos de extensão, com metodologias adaptadas para as realidades e as necessidades das iniciativas extensionistas. Espera-se que a oficina permita melhor planejamento, execução e gerenciamento das ações de extensão, à medida que as atividades, os recursos, as aquisições e as responsabilidades ficarão mais estruturadas e planejadas. As áreas temáticas do Gerenciamento de Projetos têm sido amplamente discutidas e aplicadas nas organizações e também podem ser largamente utilizadas em projetos sociais e em iniciativas de extensão. A oficina busca despertar nos participantes a reflexão sobre o encontro entre as definições de projetos de extensão e o gerenciamento de projetos propriamente dito.

## Conclusões

O Gerenciamento de Projetos de Extensão contitue-se de um importante conjunto de técnicas e metodologias que permitem uma melhor execução da Extensão Universitária. Ainda que as técnicas de gerenciamento não garantam o sucesso das ações, esse proporciona maior clareza e possibilidade de replanejamento a partir de resultados e análises parciais ao longo do projeto. A clareza quanto a metas e atividades, recursos e aquisições, equipes e responsabilidades, e riscos e incertezas, proporciona aos extensionistas melhor compreensão de suas iniciativas e tornam o viver extensionista melhor estruturado.

Conclui-se, portanto, que as metodologias práticas para o gerenciamento de projetos de extensão são relevantes para o enriquecimento das experiências e resultados positivos obtidos.

## Referencias Bibliográficas

ABNT, Associação Brasileira de Normas Técnicas (Editor). **Gestão da Qualidade – Diretrizes para a qualidade no gerenciamento de Projetos**. ABNT, 2000.

CASAROTTO Filho, Nelson., FÁVERO, J. S. e CASTRO, J. E. E. **Gerência de projetos / Engenharia simultânea**. São Paulo: Atlas, 1999.

KOLB, D. **Experiential learning**. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice Hall, 1984.

MAXIMIANO, Antônio César Amaru. **Introdução à administração**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1990.

PMI, Project Management Institute (Editor). **Um Guia do Conjunto de Conhecimentos do Gerenciamento de Projetos - PMBOK** (Project Management Body of Knowledge) Guide. PMI, Edição em português – 2004.

SLACK, N. *et al.* **Administração da Produção**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

THIOLLENT. Michel, Construção do conhecimento e metodologia da extensão.  
Disponível em: <http://www.ufrn.br/ufrn2/proex/files/documentos/thiolleant.pdf> - Acessado em 28/06/2011.

THIOLLENT. Michel, ARAÚJO FILHO, Targino de, SOARES, Rosa Leonôra Salerno. (coord.) **Metodologia e experiências em projetos de extensão**. Niterói-RJ : EDUFF, 2000.